



Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso

**A percepção da diversidade sexual e da perpetração
de violência contra homossexuais por parte de
pessoas com homofobia**

Autora: Gabriela Borja Cunha
Orientador: **Prof^o. Dr. Vicente de Paula Faleiros**

Brasília - DF
2012

GABRIELA BORJA CUNHA

**A PERCEPÇÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL E DA PERPETRAÇÃO DE
VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS POR PARTE DE PESSOAS COM
HOMOFOBIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Curso de Psicologia da Universidade
Católica de Brasília para obtenção do título de
Licenciado em Psicologia.

Orientador: Profº. Dr. Vicente de Paula Faleiros

BRASÍLIA
2012



Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Gabriela Borja Cunha, intitulado “**A percepção da diversidade sexual e da perpetração de violência contra homossexuais por parte de pessoas com homofobia**”, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, em /06/2012, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros

Pesquisador Responsável

Prof. Msc. Alexandre Cavalcanti Galvão
Coordenador Geral - CEFPA
Centro de Formação de Psicologia Aplicada

AGRADECIMENTOS

Escrever um Trabalho de Conclusão de Curso, não é, certamente, uma tarefa fácil. Gostaria de agradecer, a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram e me estimularam a seguir a diante. Gostaria de agradecer especialmente:

Aos **meus pais e aos meus avôs**, meu abrigo seguro, que sempre me incentivaram, no decorrer da minha vida, a seguir na minha inquietude paixão pelo conhecimento, em especial em minha graduação em Psicologia, do qual tenho imensa paixão. À minha querida e amada irmã e amiga, pelo carinho e incentivo, que esteve e está sempre do meu lado. Por ter dado a luz ao bebê mais lindo e especial, Luiz Otávio amor da minha vida, dedico este trabalho também a você, meu sobrinho e afilhado querido. Ao meu precioso e amado irmão que ainda vive em minha memória, a quem recorro nos meus momentos difíceis. Á minha tia Marta e á memória do meu tio Marcelo, que me cedeu a sua casa e suas vidas pra eu chegar até aqui. Aos familiares, amigos e amigas, que não citarei nomes para não correr o risco de deixar alguém de fora, que também me apoiaram e entenderam a minha ausência durante os últimos meses ou anos de graduação em especial na elaboração do TCC. Ao meu orientador Vicente Faleiros, que tenho certeza que foi enviado por Deus especialmente para mim. E aos meus professores, que deram toda a força e incentivo pra eu crescer cada dia mais. Agradeço a Deus por nunca me deixar esquecer mesmo em meio aos desertos que sou uma de suas favoritas. Deus foi sempre muito generoso comigo em todos esses anos de intenso estudo, tudo que busquei consegui, por isso, sou agradecida a tudo e a todos, a todas as oportunidades que me foram oferecidas. Muito obrigada!

CUNHA, Gabriela Borja. **A percepção da diversidade sexual e da perpetração de violência contra homossexuais por parte de pessoas com homofobia.** 2012. 36 páginas. Artigo psicologia-Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2012.

RESUMO

Diante de uma difícil conceituação para definir o que ocorre com o sujeito homofóbico, o que se percebe de forma predominante é que a sua educação, pensando na formação do sujeito, exerce papel primordial para compreender e conviver com a diversidade sexual do outro. Nesse sentido a construção da aceitação ou do preconceito tem raízes na interação real e simbólica já estudada pela Psicologia Social. Percebe-se que tanto a família quanto a escola são de grande importância para os processos de construção dos sujeitos e de produção de identidades e alteridades. É visível que nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa, onde o silêncio é a estratégia discursiva que domina, tornando agressiva a fronteira entre heteronormatividade e homofobia. O objetivo deste artigo é identificar e refletir sobre percepção de si mesmo e do outro de orientação sexual diferente e da expressão da violência perpetrada por parte de “homofóbicos” contra homossexuais. Partiremos do pressuposto de que a homofobia são construções sócio-históricas, na perspectiva da teoria da subjetividade de González Rey (2005). A metodologia do trabalho consistiu de entrevista semiestruturada com um personagem que define publicamente como homofóbico. Os resultados apontam para uma interação entre a formação e a perspectiva repressivas da educação da convivência social e a negação da diversidade, articulada também à representação da heterossexualidade como normalidade.

Palavras-chave: Homofobia. Diversidade sexual. Preconceito. Violência intrafamiliar. Educação.

ABSTRACT

Faced with a difficult concept to define what happens to the guy homophobic, what is perceived is so predominant that their education, thinking about subject formation, plays a role crucial to understand and cope with the diversity of the other sex. In this sense the construction of the acceptance or prejudice is rooted in real and symbolic interaction has been studied by social psychology. It is observed that both the family and the school are of great importance to the construction processes of the subjects and the production of identities and otherness. It is clear that our society is not only heterosexual, but markedly heteronormative, where silence is a discursive strategy that dominates, making the line between aggressive heteronormativity and homophobia. The aim of this paper is to identify and reflect on the perception of oneself and the other of different sexual orientation and expression of the violence perpetrated by "homophobic" against homosexuals. Start from the assumption that homophobia is socio-historical constructions in view of the theory of subjectivity Gonzalez Rey (2005). The methodology of the study consisted of semi-structured interview with a character that defines public as homophobic. The results point to an interaction between training and education repressive perspective of social life and the denial of diversity, linked also to the representation of heterosexuality as normal.

Keywords: Homophobia. Sexual Diversity. Prejudice. Family Violence. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	OBJETIVO GERAL	8
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
2	FUNDAMENTOS	9
2.1	A PERCEPÇÃO	9
2.2	A PERCEPÇÃO SOCIAL	9
2.3	HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO-FORMAÇÃO	10
2.4	VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR, FORMAÇÃO CONSTITUIÇÃO DA HOMOFOBIA..	12
2.5	VIOLÊNCIA SEXUAL NA FAMÍLIA	15
3	HIPÓTESE-GUIA E MÉTODO	16
3.1	PARTICIPANTES	17
3.2	INSTRUMENTOS	17
3.3	PROCEDIMENTOS	17
4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	18
4.1	RESULTADOS E ANÁLISE POR ZONA DE SENTIDO	18
4.2	A TRANSGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA ADVINDA DAS RELAÇÕES SOCIAIS	19
4.3	A HOMOSSEXUALIDADE ESTIGMATIZADA PELO SEXO ANAL	20
4.4	A HOMOSSEXUALIDADE COMO DOENÇA	21
4.5	O SIGNIFICADO DO HOMOSSEXUAL	21
4.6	A POLÍTICA	22
5	ANÁLISE DE COMPLEMENTO DE FRASES	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXO A - ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	34
	ANEXO B – COMPLEMENTO DE FRASES	35
	TERMO CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	36

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de artigo é resultado de uma angústia pessoal da pesquisadora em refletir sobre a agressão contra homossexuais, mais especificamente como foi construído esse preconceito. Outra questão que me angustia frente a este tema relaciona-se ao descaso da sociedade frente a essa problemática, onde beijar é tão hostil e proibido e matar tornou-se normal, aceitável, visto que isso ocorre com sujeitos que simplesmente não aceitam a diversidade sexual do outro. Por vivermos numa sociedade que diz que ser normal é ser heterossexual e tudo que foge a essa normativa é classificado como anormal e inaceitável.

Com tais angústias, precisa-se, desta forma, efetuar uma análise com base em conceitos a despeito do que ocorre com o sujeito que faz com que sinta tanto ódio do outro ao ponto de agredir e de até matar. Esta pergunta leva à reflexão sobre a subjetivação do preconceito dos não homossexuais ou dos que se afirmam como heterossexuais em termos de raiva e ódio que “passam ao ato” de matar ou agredir.

Vivemos numa sociedade onde pai e filho, amigos, irmãos, podem ser considerados estranhos ao demonstrar carinho em público, podendo ser considerado estranho também andar de mãos dadas, abraçados, ou qualquer outro comportamento de carinho, pois, para os sujeitos homofóbicos fica subtendido que esses são comportamentos de pessoas homossexuais, que para eles não são aceitáveis. Percebe-se então, que a homofobia não é um problema somente para os homens homossexuais é também para os heterossexuais, pois os impede de estabelecer relações íntimas entre si.

Diante de uma difícil conceituação para definir o que ocorre de fato com o sujeito homofóbico, o que se percebe de forma clara é que a sua educação, pensando na formação do sujeito, exerce papel primordial, servindo mesmo como base para compreender e aceitar a diversidade sexual do outro, na construção do preconceito, tema relevante para a Psicologia Social.

Este estudo tem os seguintes objetivos:

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e refletir sobre percepção que o homofóbico tem de si mesmo e do outro de orientação sexual diferente e sobre a expressão da violência perpetrada por parte do mesmo contra homossexuais homens.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar as preferências e orientação sexuais do agressor;
- b) Buscar compreender o processo agressivo, na percepção do agressor, relacionando-o com a família, a educação e a sociedade, principalmente com a violência sofrida;
- c) Analisar o comportamento agressivo homofóbico, relacionando-o à violência cometida pelo agressor;
- d) Especificar os tipos de preconceito contra homossexuais, relatados pelo homofóbico.

Este trabalho se compõe das seguintes partes: uma discussão dos conceitos de homofobia, seguida do conceito de violência; os objetivos; a metodologia; resultado e análise por zona de sentido; considerações finais; referências e anexos.

2 FUNDAMENTOS

2.1 A PERCEPÇÃO

Em Fenomenologia da percepção, o autor explica que a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. Que a evidência da percepção não é o pensamento adequado ou a evidência apodíctica. O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável (PONTY, 1999).

Assim, a percepção não poderia ser neutra, imparcial ou pura. Ela sofre influências, contágios culturais e sociais. Neste artigo entende-se por percepção o significado atribuído pelos sujeitos em seus variados contextos.

2.2 A PERCEPÇÃO SOCIAL

Segundo Cabral e Nick (2006), a percepção é o processo de decodificar os estímulos que recebemos.

Em termos gerais, a percepção pode ser descrita como a forma como vemos o mundo à nossa volta, o modo segundo o qual o indivíduo constrói em si a representação e o conhecimento que possui das coisas, pessoas e situações, ainda que, por vezes, seja induzido em erro.

É a percepção dos objetos sociais, quer se trate de pessoas ou grupos sociais. Especificamente, é a percepção, por uma pessoa, daqueles comportamentos de outra pessoa, que revelam suas atitudes, sentimentos ou intenções (2006, p.238).

As relações entre o indivíduo e o mundo que o rodeia são assim regidas pelo mecanismo perceptivo e todo o conhecimento é necessariamente adquirido através da percepção. Dois indivíduos, da mesma faixa etária, que sejam sujeitos ao mesmo estímulo, nas mesmas condições, captam-no, selecionam-no, organizam-no e interpretam-no com base num processo perceptivo individual segundo as suas necessidades, valores e expectativas. Mas também de acordo com o grupo que pertence e as representações sociais desse grupo.

2.3 HOMOFOBIA E A EDUCAÇÃO-FORMAÇÃO

Percebe-se que tanto a família quanto a escola são de grande importância para os processos de construção dos sujeitos e de produção de identidades e alteridades. Portanto é inegável a importância de novas pesquisas sobre os tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensa, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais para com os homossexuais.

A homofobia pode ser expressa em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo chamado de efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais, chegando inclusive à exterminação. Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e se manifesta em ações.

Descrevemos a homofobia como uma manifestação cultural e social comparável ao racismo e antissemitismo. No entanto, parece-nos que os aspectos psicológicos merecem ser abordados a fim de melhor compreender os efeitos da interação entre uma socialização heterossexista e uma assimilação acentuada das normas culturais hostis a gays e lésbicas.

Conforme Borrillo (2001), a homofobia é a atitude de hostilidade para com os homossexuais. O termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a figurar nos dicionários europeus. Embora seu primeiro elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos.

É visível que nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa, tornando agressiva a fronteira entre heteronormatividade e homofobia.

Percebemos que para discutir sobre homofobia se faz necessário falar de “violência”, “preconceito”, “discriminação”, “diversidade sexual e social”, “intolerância”, e não tem como falar de todas essas temáticas desvinculando-as da “educação”. Pois, os crimes praticados contra homossexuais, conhecidos como crimes homofóbicos, pertencem à categoria dos crimes de ódio. Partiremos do pressuposto de que a homofobia são construções sócio-históricas, na perspectiva da teoria da subjetividade de González Rey (2005).

Acreditamos que será papel central da educação como uma das formadoras de valores, mesmo com tamanhas dificuldades falar sobre diversidade sexual, a escola é um espaço no interior e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associadas a preconceitos, discriminações e violência de ordem racista, sexista e homofóbica (JUNQUEIRA, 2009).

No entanto, a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBTTT – muitos/as dos/as quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autoculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado (JUNQUEIRA, 2009).

No quesito educação dos filhos, a constatação mais recorrente dos estudos sobre o tema é que existe uma reprodução do modelo de educação recebido pelos pais na infância. Significando assim que muitas crianças vítimas de maus-tratos se tornam adultos agressores. Pais que foram criados de forma severa e que sofriam punições físicas podem desenvolver um modelo disciplinar corporal coercitivo que justifique a criação dos filhos e educação dispensada a eles, perpetuando a violência como modelo educativo (RAMOS ;OLIVEIRA, 2008).

Conforme Junqueira (2009) têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBTTT, os tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica.

Crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma: tantas designações que durante séculos serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Relegado ao papel de marginal ou excêntrico, o homossexual é tido pela norma social como bizarro, estranho ou disparatado (BORRILLO, 2001, P. 15).

A homofobia pode ser caracterizada de duas formas: a homofobia geral, que permite denunciar os desvios e deslizes do masculino em direção ao feminino

e vice versa de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo”. Toda suspeita de homossexualidade parece soar como uma traição capaz de questionar a identidade mais profunda do ser. E a homofobia específica constitui uma forma de intolerância referente especialmente gays e lésbicas (BORRILLO, 2001, P.22).

No entanto, a sexualidade tem um lugar privilegiado na socialização dos jovens como uma construção social. Pois, os jovens vivem em uma época em que acontecem profundas transformações econômicas e de valores na nossa sociedade, o que afeta a sua transição para a vida adulta. Por isso, se faz necessário falar de sexualidade, homossexualidade nas escolas.

A juventude é o momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade. Assim, preconceitos e crenças organizam a possibilidades sexuais e afetivas dos jovens.

2.4 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NA FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA HOMOFOBIA

A violência é um tema que invade nossas vidas todos os dias, está presente em nossas conversas familiares, nosso fazer profissional, nas rodas de conversas de amigos, vem sendo um dos problemas que mais afetam a população brasileira.

A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão cometida por algum membro da família em relação de poder, sem importar o esforço físico onde ocorra, que prejudique o bem-estar, a integridade física e psicológica ou a liberdade o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Refere-se ao âmbito relacional em que se constrói a violência e vai além do espaço físico em que ocorre (SHRADER; SAGOT, 1998, apud BAREICHA E RIBEIRO, 2003).

Segundo Ceconello, De Antoni e Koller (2003 apud OLIVEIRA E RAMOS, 2003), existem alguns atores mediadores, tais como a rede de apoio social, a coesão familiar e a resiliência infantil, que são capazes de romper com esse ciclo de violência da dentro da família.

Orquestrados pela heteronormatividade, os processos de construção de sujeitos compulsoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da homossexualidade, expressa por meio de atitudes, enunciações e comportamentos, não

raro, abertamente homofóbicos. Disto resulta que “homem que é homem bate em veado”. E embora para a instituição heteronormativa da seqüência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais (LOURO, 1999).

Uma primeira forma de violência contra homossexuais se caracteriza por um sentimento de medo, aversão e repulsa.

Abramovay, Castro e Silva (2004), afirma que a ideologia de gênero é reproduzida pela família, que considera que homens e mulheres lidam de maneira distinta com o desejo e que as jovens devem ser contidas, retardando sua iniciação sexual.

A divisão dos gêneros e o desejo (hetero)sexual funcionam mais como um mecanismo de reprodução da ordem social que como um mecanismo de reprodução biológica da espécie. A homofobia torna-se, assim, uma guardiã das fronteiras sexuais (hetero/homo) e de gênero (masculino/feminino). É por essa razão que os homossexuais não são mais as únicas vítimas da violência homofóbica, que se dirige também a todos os que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade forte, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade (BORRILLO, 2000).

Segundo Castro (2004), considera-se que e a criança é dependente de uma cultura arraigada na família. Mas os adolescentes/jovens, ao se iniciarem sexualmente, passam a ser vistos, pelo menos nesse aspecto, como adultos. O jovem vive a ambigüidade de ser considerado sexualmente adulto, e ao mesmo tempo, em muitos casos, manter-se em situações de dependência nas dimensões econômicas e familiares, entre outras.

O termo violência por ser amplo e complexo, existe algumas definições, adotada pela Organização Mundial de Saúde:

[...] o uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002).

Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas o omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos (RIOS, 2009).

É editado anualmente pelo Grupo Gay da Bahia, desde a década de 1980, o Relatório de Violências e Assassinato de Homossexuais no Brasil, sob a coordenação do professor Luiz Mott (Motti, 2000).

Segundo Mott (2010), por causa da intolerância, "O Brasil é o campeão mundial de crimes homofóbicos", afirma ainda "O risco de um homossexual ser assassinado no Brasil é 785% maior que nos Estados Unidos".

Conforme o levantamento, realizado desde 1980, as maiores vítimas em 2010 foram os gays, com 54%, seguidos pelos travestis (42%) e lésbicas (4%). O Estado que mais concentrou os homicídios foi a Bahia, com 29 registros. Em seguida, Alagoas, (24), e São Paulo e Rio de Janeiro, (23) cada. O estudo é realizado com base em notícias publicadas em jornais e sites.

Quer se trate de uma escolha de vida sexual, quer se trate de uma característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto a heterossexualidade. No cerne desse tratamento discriminatório, a homofobia tem um papel importante, dado que é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, que confere a heterossexualidade um status superior e natural. A homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade (BORRILLO, 2001).

Acreditamos que a tolerância é um princípio ético intrínseco ao modelo social estabelecido que ganha força a partir da emergência do neoliberalismo no mundo ocidental. Conforme Nagel (2003), a tolerância na formação desse novo sujeito assume um princípio ético, em que cabe a ele respeitar o outro e não se impor frente às diferenças do outro em função do respeito à diversidade. Assim, a capacidade de tolerar encobre as desigualdades sociais que existem em nossa sociedade, provocadas também pela contradição entre o capital e trabalho. Neste sentido, tanto o Programa Brasil sem Homofobia quanto os Parâmetros Curriculares Nacional contribuem para a formação desse novo sujeito que deve ser tolerante e respeitar a liberdade de cada um, bem como de cada grupo social.

O Programa denominado "Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual" foi desenvolvido pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, órgão vinculado a Presidência da República, conjuntamente com o Movimento Homossexual Brasileiro, hoje denominado de Movimento LGBTT. Um dos princípios fundamentais apresentado pelo Programa é a questão da tolerância frente à diversidade.

Percebe-se que os agressores sentem-se incentivados a praticar discriminação homofóbica principalmente nos espaços públicos, onde há apoio de grupos que têm o mesmo intuito, agredir o outro por ser homossexual, com o discurso de que estes sujam a sociedade, destroem a família, por isso devem ser excluídos. Buscam está em locais onde têm certeza que irá encontrar pessoas homossexuais e assim poderá colocar em prática seus pensamentos homofóbicos.

Nesse sentido, qual o papel da família, da escola e da sociedade na constituição da identidade do sujeito homofóbico, o quanto estes subsistemas influenciam a construção desse sujeito, que busca de qualquer forma expressar seu ódio por alguém que para ele não se encaixa como normal, pois foge dos padrões do que é ser hetero.

2.5 VIOLÊNCIA SEXUAL NA FAMÍLIA

A prática do abuso sexual dentro de casa deve ser vista como uma expressão do ataque à proteção, enquanto necessidade da própria condição de dependência principalmente, da criança e/ou adolescente.

As sequelas da violência sexual na infância ou adolescência podem ser diversas e severas, apresentam-se através de sinais e sintomas decorrentes da lesão psicológica a que essas vítimas são submetidas, como tristeza constante, prostração aparentemente desmotivada, sonolência diurna, medo exagerado de adultos, habitualmente aquele do sexo do abusador, história de fugas, comportamento sexual adiantado para idade.

Citam-se ainda consequências sexuais, como comportamento sexual inapropriado, e alterações comportamentais, como isolamento, dificuldade de confiar no outro e estabelecer relações interpessoais (AMAZARRAY, KOLLER, apud AMPARO, FALEIROS E MARQUES, 1998).

O abuso sexual deve ser considerado um fator predisponente a sintomas posteriores, como fobias, ansiedades e depressão, bem como envolvimento de um transtorno dissociativo de identidade e comportamentos agressivos. Nesse sentido pode-se inferir que o abuso sofrido por crianças é repetido em outras gerações a partir do momento que a criança agredida internaliza os métodos de criação utilizados pelos pais.

Do ponto de vista do que se passa com a criança, podemos pensar, então, no abuso sexual sofrido, por meio do qual a criança permanece embaraçada sem saber o que de fato viveu e ocorreu com seu corpo, sobre o que é certo ou errado, sem poder confiar em sua percepção de mundo e sobre si mesma.

3 HIPÓTESE-GUIA E MÉTODO

A preocupação mais recente com a hostilidade para com os homossexuais muda a maneira como a questão vinha sendo problematizada. Esse deslocamento do objeto de análise sobre a homofobia produz uma mudança epistemológica. Epistemológica porque não se trata exatamente de conhecer ou compreender a origem e o funcionamento da homossexualidade, mas sim de analisar a hostilidade provocada por essa forma específica de orientação sexual (BORRILLO, 2001).

A construção metodológica está implicada na reflexão teórica e a proposição de uma hipótese não significa o engessamento da pesquisa, mas a possibilidade de uma referência para construção de interpretações. Assim é que formulamos a seguinte hipótese-guia: os preconceitos homofóbicos e a agressão homofóbica estão relacionadas à violência sofrida no contexto familiar, educativo, social e cultural heteronormativo e à formação de valores éticos.

Segundo González Rey, a pesquisa qualitativa envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considerando este como cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele (2005).

Esta pesquisa utilizará a metodologia qualitativa, os instrumentos de observação e a entrevista individual para geração de dados, que inclui técnicas diversificadas como: questionário com entrevista semiestruturada, complemento de frases.

Na entrevista semiestruturada o pesquisado apresenta uma questão ou um tema inicial e o entrevistado caminha por onde preferir, podendo sua fala abranger vários âmbitos (experiências pessoais, elementos históricos, sociais e outros). O entrevistador deve ter o cuidado de observar os aspectos não-verbais, essa captação é muito importante para a compreensão e validação do que foi efetivamente dito.

O complemento de frases é um instrumento que nos apresenta indutores curto a ser preenchidos pela pessoa que responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente. Ao ter indutores muito curtos, permite empregá-los com uma frequência maior, o que auxilia o deslocamento do sujeito com maior facilidade que outros instrumentos, permitindo a expressão de sentidos subjetivos diferenciados em áreas e aspectos muito distintos da vida das pessoas; isso constitui um dos pontos fortes de sua utilidade na pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

3.1 PARTICIPANTE

Fez parte deste estudo um único sujeito que se declara como homofóbico, tendo praticado de atos de preconceitos entendidos como homofóbicos, contra homossexuais homens.

3.2 INSTRUMENTOS

Foi utilizada entrevista semiestruturada, complemento de frases e gravador.

3.3 PROCEDIMENTOS

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília e autorizado para execução da mesma, aprovado conforme Resolução 196 / 96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta a pesquisa em seres humanos no país.

Após a aprovação, iniciou-se a busca de contatos dos telefones e e-mail do participante, partindo em seguida para as tentativas de marcação da entrevista, conseguido por via telefonia. Foi marcado encontro de acordo com a disponibilidade do colaborador. Chegou-se com antecedência para que fosse realizada observações, que ocorreu também durante e depois do período de coleta de dados para o projeto, tendo como foco a agressão homofóbica e identificar através do questionário a percepção do agressor quanto a diversidade sexual do outro, e a construção do preconceito homofóbico, e também perceber pela análise do discurso possíveis intolerâncias sociais. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO III), antes de iniciarmos a coleta.

O participante da pesquisa é um sujeito homem considerado homofóbico, classificado conforme tipos de violência para com pessoas homossexuais, sendo que estes dados foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada, com questões relacionadas ao tema em questão. A observação e entrevista foi realizada no ambiente frequentado pelo entrevistado, em seu local de trabalho e a entrevista feita individualmente no escritório do participante. Para registro das informações, a entrevista teve um roteiro (anexo I), e complemento de frases (anexo II).

A análise dos dados foi feita uma análise de conteúdo, uma epistemologia qualitativa, conforme sugere Gonzáles Rey (2005).

4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

4.1 RESULTADOS E ANÁLISE POR ZONA DE SENTIDO

Em relação à análise de conteúdo, optou-se por uma epistemologia qualitativa, de caráter exploratório, considerando que a produção científica consiste em uma forma de aproximação e de diálogo com o real, numa proposta de reconhecimento construtivo e interpretativo de González Rey (2005), e a introdução do conceito de subjetividade social para explicar os processos de produção e organização de significados e sentidos subjetivos no nível social. Considera-se que o fenômeno social é construído junto ao pesquisador e ao participante da pesquisa, assim como suas respectivas emoções ao longo da investigação, pelo fato comporem parte da subjetividade social partilhada.

Por estar incorporado a um mundo social e culturalmente estruturado, o indivíduo apropria-se do contexto ao mesmo tempo em que promove a inserção de sua atividade cotidiana e constrói sua autonomia. Os diversos espaços onde se realiza a ação do sujeito, em um contexto histórico, social e cultural concreto, comportam a expressão de duas dimensões da subjetividade: a individual e a social.

Conforme González Rey (2005), “a subjetividade individual indica processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais de subjetivação”. Já a subjetividade social “apresenta-se nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos etc. e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 24), buscando explicar a complexidade sistêmica dos vários espaços sociais de atuação dos sujeitos.

González Rey (2005) elaborou o conceito de zonas de sentido, ou seja, os “espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica”.

A identificação das zonas de sentido explicita o caráter de incompletude da pesquisa, pois, ao concluir a investigação sobre um determinado problema, abrem-se novas possibilidades para a continuidade de outros estudos, que fazem com que o pesquisador construa teorias no decorrer das suas práticas investigativas.

A organização subjetiva é para o pesquisador um campo considerado complexo, uma vez que cada ser é único, impossibilitando a geração de um conhecimento que seja

caracterizado como universal, presente em todo tipo de comportamento ou expressão humana (GONZÁLEZ REY, 2005).

A seguir estão identificadas as zonas de sentido que emergiram da própria entrevista e estão articuladas aos fundamentos teóricos acima enunciados. Para efeito de identificação dos interlocutores será usada a seguinte legenda: R. (Rafael) nome fictício e P. E. (Psicóloga Estagiária).

Dentre as zonas de sentido considerara-se em primeiro lugar a questão da transgeracionalidade da violência.

4.2 A TRANSGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA ADVINDA DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Analisaremos os trechos da conversação em que R. relata sua criação na relação com o pai, a sua mãe e a escola. Diz: “Quando era criança, tive uma infância feliz, com respeito, com família, com pai, com mãe, com responsabilidade, apanhando de vez em quando”. Quanto a educação, estudou no período da ditadura, em escola pública. Comparando-a com as escolas públicas de hoje, quando relata que nas atuais “não se aprende nada”. Por sua vez que “o professor precisa ter mais autoridade dentro de sala de aula, pois os professores são agredidos por alunos e não se pode fazer nada, que não pode dar nem mesmo uma bronca”.

Em relação ao seu pai, considera que foi excelente pai, pois tinha autoridade, moral, que em sua casa não se podia sair da linha, não errar, do contrário apanhava-se, e que não vê problema nenhum nessa maneira dos pais educarem.

Uma hipótese é de que essa repressão, esse autoritarismo sofrido por R, a repressão social, esteja articulado à homofobia. Valoriza as atitudes cometidas pelo pai, segue o mesmo padrão para com os filhos, os dois mais velhos seguem a mesma profissão, têm o mesmo propósito e lutam pelas mesmas causas, assim como ele são militares, políticos e intolerantes aos homossexuais.

É possível inferir, a partir dos sentidos do discurso do participante. A dimensão da zona de sentido facilita-nos acessar os espaços de produção subjetiva que representam complexas sínteses de momentos culturais e históricos, impossíveis de serem captados pela razão dominante, centrada na aparência, na proximidade e no conscientemente significado.

Nos trechos acima, R. refere-se ao valor da família, significação que lhe foi atribuída desde a sua infância, por meio da repressão, do ensinar pelo autoritarismo, a violência física e nos leva a considerá-lo um indicador da importância da família na configuração subjetiva da heteronormatividade, podendo adquirir sentido subjetivo da família, associando a violência sofrida na infância à violência cometida hoje. Percebe-se que a violência foi construída no âmbito relacional e hoje vai além do espaço físico, pois o participante, expressa atos de violência contra o homossexual também nos meios de comunicação, em plenário, em restaurantes, na escola dos filhos se necessário, no social em geral como afirmou na entrevista.

Conforme Faleiros e Brito (2007), o impacto da violência, por sua vez, se traduz, tanto na reprodução da desigualdade, das assimetrias e dissimetrias, como negação do conflito e do outro, no sofrimento, angústia, e, também, em prejuízos ou danos para as vítimas. Afirmam ainda, que a violência intrafamiliar se articula com a violência social, sendo mais um indicador do sentido subjetivo da significação da violência cometida hoje por R, ele parece repetir atitudes do pai de forma autoritária. Percebe assim o homossexual com olhar de desprezo, preconceito e intolerância.

A violência é entendida, segundo Faleiros, (2004), como um processo social e relacional complexo e diverso. É um processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares. Diz ainda, que é um processo diversificado em suas manifestações: familiares, individuais, coletivas, no campo e na cidade, nos diferentes grupos e segmentos, e atinge tanto o corpo como a psique das pessoas.

4.3 A HOMOSSEXUALIDADE ESTIGMATIZADA PELO SEXO ANAL

Uma zona de sentido bem configurada na fala de R refere-se à estigmatização do sexo anal, em especial nos trechos em que o mesmo associa homossexualidade ao sexo anal. Quando a P.E. pediu pra que R falasse sobre o “Homossexual e Homossexualidade”, fala do kit que seria encaminhado às escolas públicas pelo MEC. Diz: “...na verdade estaria incentivando o homossexualismo. Como é que vai ensinar pra garotada do primeiro grau que você não pode ser homofóbico, se não ensinar pra o garoto que é sexo anal”? Diz ainda: “...Se ele prefere homem o problema é dele, agora não vai ele dizer pra o meu filho na escola que ele tem que ser respeitado, porque um tem ato sexual, enfia o teu pênis no anus do outro”. É possível perceber que R.

representa homossexualidade por sexo anal. Essa fala poderia ser uma metáfora em relação a percepção que R. formou para falar do homossexual ou também ter um outro sentido do qual não podemos nos posicionar, considerando os marcos de informação do utilizados. Sua percepção em relação ao homossexual é agressiva, preconceituosa e desrespeitosa.

Associamos a Teoria e o Método das Representações Sociais de Moscovici (1961, apud Faleiros), ao representar uma coisa, um estado, consistindo em “organizar, unir e filtrar o que vai ser re-introduzido e re-aprendido no domínio sensorial”..., tornando familiar aquilo que é insólito, mudando o universo sem que deixe de ser o nosso universo”. Nesse sentido, buscamos captar a representação vivida do sujeito homofóbico nas falas de suas experiências cotidianas e de suas relações experimentadas(p.58).

4.4 A HOMOSSEXUALIDADE COMO DOENÇA

Uma terceira zona de sentido que emerge do discurso é a consideração da homossexualidade como doença. Na frase: “Eu não tenho nada a ver com que cada um faz com seu órgão sexual entre quatro paredes, eu não tenho um programa que **recupera** homossexual”.

Nessa zona de sentido, R percebe a homossexualidade como doença, que pode ser tratada, “recuperada”, modificando os comportamentos do sujeito com sexualidade diferente da heteronormatividade. Em outras falas, afirma que não deixaria seu filho ter um amigo homossexual pra não adquirir os trejeitos, ainda diz “Diga-me com quem tu andas que direis quem tu és”. Portanto a sexualidade tem um papel muito importante na vida do R., a suspeita da homossexualidade está articulado com desrespeito, inferiorização, isolamento, surge assim, uma gama de sentimentos negativos frente a diversidade sexual do outro. Buscamos compreender o processo agressivo e entendimento que o R. tem acerca da homossexualidade, relacionando com a educação, família e com seu convívio social.

4.5 O SIGNIFICADO DO HOMOSSEXUAL

Nessa zona de sentido, nota-se que R. não tem nenhuma tolerância para com essa temática, não vê amor ou amizade entre dois homens, pois antes disso vêm os

diversos significados que elaborou pra sua comunicação com relação à homossexualidade. Em uma das suas falas questiona um Plano do Governo de Valoração da Cultura Gay diz: “O que é cultura gay? O que esse pessoal tem pra oferecer de cultura gay? Vão mostrar o que?”.

Segundo Gonzalez Rey (2005), o sujeito define-se entre outras coisas, pela sua capacidade de construir e de elaborar sua experiência, qualidade essa que lhe permite construir e defender seu espaço subjetivo, singular ante as infinitas pressões simbólicas que configuram seus espaços sociais. Frente a essa questão, percebe-se que experiências foram elaboradas e criadas símbolos por R. frente suas vivências e hoje apresentam conseqüências dolorosas no seu dia-a-dia para com os homossexuais ou não homossexuais, visto que tira proveito da posição que ocupa diante da sociedade sem pensar nas conseqüências pra o outro e pra ele mesmo.

Na frase: “Agora o cara vai querer ter seus trejeitos todo escandaloso, que pra mim é escandaloso... isso ai é normal pra eles pra mim não é”. Considera os comportamentos homossexuais, escândalo no sentido subjetivo, ser normal é ser heterossexual, pra ele fugir dessa norma está contra seus valores éticos e morais. Buscamos entender essa sua padronização em relação ao indivíduo, na educação e criação que recebeu, o que foi passado por seus pais, na escola, na vida militar, na violência sofrida por parte do pai, como forma de educar e disciplinar.

Conforme Borrillo (2001), a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto a heterossexualidade, que por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade.

4.6 A POLITICA

Essa sexta zona de sentido, é importante em relação aos atos de violência expressos por R. no cotidiano. É sua posição pessoal, notamos que ele tenta a todo instante mostrar o seu lugar em relação aos demais, sua posição, pensado no sentido subjetivo e real a política é seu maior meio de práticas homofóbicas, pelo acesso que possui em diversos âmbitos sociais, um dos maiores é a mídia. Nesse sentido está caracterizada sua elaboração pessoal. Chama o beijo de dois homens de “indecência”. Relata: “Sou muito mais agredido por eles, que eles por mim”.

Em outra fala diz: “Se eu tiver com minha família almoçando... chegam dois homens e começa a trocar beijos... eu não quero que meus filhos vejam essa

indecência”. Se posiciona como vítima e questiona seus valores. Questiona tudo isso se identificando como político honesto, dizendo: “Secretamente eu não faço nada, se quiser pode até grampear meus telefones”, se reafirmando honesto pensando em zona de sentido.

A seguir consideramos o complemento de frases a que o participante atendeu.

O complemento de frases é uma rica fonte de indicadores e seu valor como instrumento está na possibilidade de elaborar um sistema de hipóteses que se integram e marcam o curso da produção de informação; algumas dessas hipóteses serão abertas somente a partir de uma frase ou relação únicas entre frases.

Os agrupamentos de frases que se relacionam entre si e pelo tipo de conteúdo explícito, o qual nos permite organizar um momento macro, mais geral, acerca das tendências que se fazem diretamente explícitas no instrumento conforme explica (GONZALEZ-REY, 2005).

5 ANÁLISE DE COMPLEMENTO DE FRASES

a) Quando era criança: Quando eu era criança tive uma infância feliz, com respeito, com família, com pai, com mãe, com responsabilidade, apanhando de vez em quando.

b) Na escola: Sem problema nenhum, sempre fui aluno um exemplar. Escola pública! Durante o período militar, aquilo que vocês chamam de ditadura, escola pública, aonde o ensino existiu, hoje em dia é uma zona o ensino público, uma zona, não se aprende nada, apenas pega o diploma pra colocar na parede de casa, talvez no banheiro, porque não sabe nada em escola pública.

PE: O Senhor acha que poderia melhorar de que forma?

R: Sim, dando meios pra que o professor exerça autoridade dentro de sala de aula, o professor é um coitado dentro de sala de aula hoje em dia, se ele der uma bronca em um aluno que não fez o dever de casa, o pai já vai lá quer dar porrada no professor como ta nas pesquisas do ensino fundamental da escola públicas em São Paulo, 70% dos professores já foram agredidos físico ou verbalmente pelos alunos ou pelos pais.

c) Meu pai: Excelente, já faleceu em 95, um excelente pai, sem problema, tinha autoridade, tinha moral, criou ele com minha mãe 6 filhos, ninguém vivendo de Bolsa Família, de programas assistencialistas pra votar no PT, todo mundo tem uma profissão, uma carreira, e quem tentava sair fora do rumo o marmelo cantava em casa, sem problema nenhum e agora querem criminalizar as palmadas na Câmara. Ah os filhos crescem com traumas, ta certo. Inclusive uma Deputada do PT aqui de Brasília, falou que até a corrupção influencia, muita palmada é muito corrupto, então é sinal que o pessoal do mensalão do PT levou muita palmada quando era criança.

d) Minha mãe: Viva até hoje, 85 anos, gosto muito dela, lamentavelmente ela ta com problema de saúde, no final da vida dela, mas ela vai está em paz quando se encontrar com Deus tendo em vista a vida que ela levou educando seu 6 filhos.

PE: Influenciou na sua vida hoje, muito?

R: Influencia sim lógico, nós seguimos exemplos pai e mãe. Como é que pode um casal adotando um garotinho, você quer que o garotinho seja o quê? A mamãe careca, o papai bigodudo, o outro a mamãe bigoduda, quer que o filho seja o que? Vai ser um homossexual quanto o pai, quanto à mãe com certeza. Como já tive problema na justiça muito, com filho de duas conhecidas ai, que entrou no homossexualismo e falou que claramente, “olha a minha mãe vivia com gays e eles contavam histórias maravilhosas sobre homens e eu em posse disso experimentei e entrei hoje eu sou homossexual”. É companhia, se um garoto começa a andar com quem cheira maconha, com toda certeza vai usar e experimentar um dia também, quando começa a andar com gente que não quer estudar na escola vai ser um vagabundo no futuro, beneficiar de bolsa família, e quem começa a andar com homossexual tem tudo pra ser homossexual também, “diga-me com quem tu andas que direi quem tu és”, ponto, acabou, então é fácil as coisas.

PE: Então o Sr. acha que esse contato influencia?

R: O meu filho não brincaria com o filho de um casal homossexual adotado, não pelo garoto, coitado! Porque ele chegaria em casa “papai eu vi lá o careca arrumando a cozinha e tinha um bigodudo por trás mordendo o cangote dele e dando bitoquinha papai” eu vou falar o quê pra o meu filho? Que isso é normal! Tão de brincadeira comigo, tão de sacanagem comigo, tão de sacanagem, se o meu filho quiser mudar sua opção depois de algum tempo, vai ser problema dele não vai ser por influencia minha, por eu ter relaxado na educação junto a ele, não é só em questão a isso. Garoto que não pode estudar não deixo o meu filho brincar também, garoto que tem manias esquisitas meu filho não vai brincar com ele também, porque ele vai acabar experimentando aquilo que essa pessoa faz.

s) O passado: Eu me orgulho do meu passado, eu não digo que sofri, porque não, não, no Brasil ninguém nunca passou fome, nem passa, é discurso de político né. Já reparou que só político gosta de pobre? Impressionante não é cara. Foi um passado ai de sacrifício, eu lembro que quando eu prestei concurso ai pra academia militar de Resende, eu fui aprovado, na primeira semana eu voltei pra casa, falei com meu pai: “Pai eu tô pedindo desligamento. “O quê?” “Volta no primeiro ônibus”! Eu agradeço meu pai por ter me impulsionado ai pra ser alguém na vida, com toda a certeza eu não estaria aqui hoje, lógico que alguns me detestam, querem casar meu mandato, etc, que eu sou racista, que eu sou preconceituoso, que eu sou homofóbico, certo? Más eu estou

defendendo a família, o racismo quer dizer, uma questão ridícula que a minha mulher, o pai dela é um negão, eu não gosto é de negão, não gosto de amarelão, brancão, ta certo.

Comentando, as frases acima conformam e confirmam as zonas de sentido enunciadas, ancoradas em valores da família repressiva, de estereótipos em relação aos papéis de gênero e principalmente da configuração de família identificada com homem-mulher.

Talvez a repressão social esteja articulada à repressão à homofobia. Aparece a primeira referência desse sujeito a homofobia – referência essa implícita na frase d, manifesta-se ao falar a “mãe careca, o pai bigodudo”. Isso nos permite afirmar que essa referência vem carregada de preconceito, podendo está associado a sua formação como sujeito, que a família pode ter sido a maior geradora desse pensamento, até porque o R. sente orgulho pela forma como foi educado e vem repetindo por considerar correto, mesmo com efeitos que percebo como negativos. Todos esses elementos, pela forma como tem aparecido no instrumento, poderiam ser sentidos subjetivos constituintes de seu conflito contra o homossexual, que tem lugar central em sua vida, e na sua configuração subjetiva dominante.

e) Meus amigos: Amigos eu não sei o quê que é amigos hoje em dia, eu tenho o meu ciclo de amizades com alguns p....., no meu condomínio,etc, sem problemas nenhum, com tudo quanto é tipo de gente, e digo mais, tem até homossexual no meio que eu tenho certeza que é, sem problema nenhum, mas ele não é desse tipo de pessoa que goza e depois conta pra os outros, então o garanhão “comi três semana passada”, mas só goza depois que ele conta e tipo alguns homossexuais também que querem aparecer “eu tenho coragem de fazer sexo anal com homens”, porra! É problema dele, agora vai contar pra mim, vai me encher o saco, não vai porra!

l) Custa-me muito: A entender às vezes, compreender e não vou compreender muito, alguns que me dizem aqui, que eu devo esquecer algumas coisas que são causa perdida, então eu não vou cair nessa, nada me custa muito, eu vou continuar seguindo meus objetivos aqui.

PE: O Sr. pode falar dessas causas?

R: Às vezes por exemplo, eu to dando pancada agora no grupo 16 juristas que estão elaborando a reforma do código penal no Congresso e eu to batendo neles, e falei antes de você s serem notáveis 16 juristas vocês são 16 notáveis ao invés de maioria petistas da propostas que eles estão propondo, desculpa a redundância aqui, propondo lá na reforma do código como legalização dos prostíbulos, como por exemplo colocar o índice de nível de álcool no sangue “zero”, então você pega dois anos de cadeia se tiver com 0,000. O que acontece eu, de vez em quando pra dormir a noite tomo meia noite uma garrafinha de 600 ml de cerveja, e seis da manhã saio de casa com meu carro. Eu te pergunto: “Eu tenho algum teor de álcool no meu sangue”? Tenho! Tenho, não vai ta assim acima do atual índice de 0,06 %, mais vai ta 0,1, então eu posso ser detido no meio do caminho por um capricho do governo, então o Governo vai se armando de pequenas legislações pra manter o controle total sobre todos nós aqui, cessando todos nós aqui de liberdade individuais, entre outras coisas lá. Você pode ver eu discurssei agora a pouco aqui, o dia de ontem o MST invadiu ai, na segunda feira o MST invadiu um centro de pesquisa de vacina lá em Sarandi, então o quê que acontece no Código Penal ta criminalizando aqui o terrorismo, agora se eu fizesse o que o BBC fez eu começaria com 8 anos de cadeia, agora quem é do MST não tem punição nenhuma, ou seja, quem tiver a carteirinha de filiação do PT, daqui a pouco pode fazer o que bem entender, fazer a barbaridade que seja que não vai ter punição pra ele.

m) Tentarei conseguir: Tentarei conseguir aprovar um projeto meu aqui que descriminaliza a laqueadura e vasectomia. Que eu entendo que você tem que chegar pra um pai, pra uma pessoa, seja lá pobre, rica e falar: “Meu amigo você já tem 2 filhos ou 3 filhos, não tenha o 4º, você não quer que teu filho tenha uma vida pior do que a tua, se você tiver 4, 5, 6 filhos, eles não vão ter futuro, você não vai ter como ajudar na educação, não só a educação escolar, fazer com que eles sejam melhores para o país”, façam com que eles sejam melhores empregados para o país, e você assumiria empregados no futuro se fossem ou forem, entendeu? É o objetivo que eu percebo.

q) Sofro

R: Eu sofro com certas coisas que aprovamna Câmara e a gente não tem como mudar essas propostas que aprovarem aqui. O PL 122 que criminaliza a homofobia, se eu brigar com um cara aqui e chamar de veado, é melhor eu chamar de veado e como eu

não posso me defender eu dou 200 tiros nele, que eu tenho chance de pegar menos tempo de cadeia dando 200 tiros do que chamando de veado apenas. É uma brincadeira o que acontece as vezes por aqui e muitas das vezes isso acontece não é consenso da maioria, até as minorias acham uma maneira de um plenário vazio pra empurrar essas propostas de botar pra frente.

Nas frases observa-se, ao aparecer críticas ao MST, ao Código Penal, a Lei Seca, ao PL 122 que criminaliza a homofobia, percebe-se que R. critica o controle total, mas não aceita a diversidade sexual em seu relato na frase q. Os conflitos com a homossexualidade as quais poderiam está configurados com um conjunto de sentidos hora está explícito hora implícito. Nessa última frase aparece com clareza a não aceitação de Leis que protejam o homossexual, associa a PL 122 a uma brincadeira, relata que é preferível matar a chamar de “veado” assim a punição será menor.

n) Sempre quis: Sempre quis a liberdade, devo essa liberdade aqui aos militares 64, eles assumiram o poder aqui, porque o pessoal aqui queria impor aqui naquela época assumir exatamente aqueles que foram pra luta armada e financiado por Fidel Castro, então quem acreditar que Fidel Castro dava dinheiro aqui pra Senhora Dilma Hunsef e companhia pra derrubar os militares e impor a democracia, esse cara é um imbecil, um alienado mental, que não merece crédito.

p) Com frequência sinto: Eu sinto saudades do meu pai, faleceu, ele sempre dizia pra mim: “o único homem que você pode confiar nessa vida na terra, sou eu, teu pai”, eu gostaria que a garotada em todo o Brasil pegasse esse conselho pra si, que o único homem que um garoto pode confia e seu pai e a única mulher que ele pode confiar é sua mãe, com confiança, praticamente 100%, se a garotada começar a agir dessa maneira nós teremos um Brasil melhor no futuro e essa molecada não ficará nessa vida onde está, onde vale tudo e ser quadrado é ser honesto, respeitador, respeitar ao próximo, é pensar em Deus.

Nas frases aparece mais uma vez o valor da família, o valor que o pai representa. Deus e a Pátria também são citados. A família relaciona a confiança, defende o golpe de 64, e a pensar em Deus pensando num Brasil melhor, diz. Entra em contradição nessa frase p, quando diz pra garotada de hoje, ter respeito, honestidade quando o próprio não aceita a diversidade sexual do outro.

f) Estou melhor quando: Eu to melhor quando eu converso com a imprensa séria, que não edita o que eu falo, porque eu to aqui pra falar não é tomar banho de cachoeira, entende?

g) Meu maior problema: Eu não tenho problema, meu problema eu tento aqui convencer os outros que nós temos que pensar na família, nos bons costumes, no cristianismo. Porque uma sociedade ela é feita de famílias, e se essas famílias são desestruturadas, seus filhos são problemáticos, não consegue estudar porque tem uma escola pública que é uma porcaria, tem certas manias e vícios sendo impostos na escola como o “kit gay” ta ok, e agora ta vindo uma proposta que ta sendo elaborada por um grupo de juristas no Senado pra legalizar os prostíbulo, muito bom pras famílias pobres, que coitada da criança, a menina, ela não tem um bom estudo, um bom emprego, vai ser oferecido pra ela um bico na casa de prostituição e o Governo através do Ministério da Saúde que legalizando os prostíbulo serão diminuídos os preconceitos e será dado mais cidadania as garotas de programa, é pra legalizar a zona no país, e outros argumentos que o governo usa e os grupos juristas usam no Senado também é que não tem jeito, que é uma realidade. Se é uma realidade vamos regulamentar, regular a prostituição, o consumo de crack.

Nas frases apresentou críticas à política, aos bons costumes e valores. A questão de valores se repete em diversas frases com sentidos diferentes, aqui está associado aos valores familiares, que hoje não existe mais. Associa a precariedade das escolas, ao que é imposto, referencia ao que chama de “kit gay”, material que seria entregue para as crianças nas escolas públicas, critica assim a política por essas iniciativas. Esses duas zonas de sentido estão relacionadas entre si em diferentes configurações subjetivas, configuram sua personalidade, sua maneira particular de perceber o sujeito.

i) Creio que minhas melhores atitudes são: São a espontaneidade, a verdade, eu gosto da verdade. O PT quer a comissão da verdade, eles vão indicar os 7, os 7 pra compor a comissão da verdade, é a mesma coisa que você pegasse 7 traficantes pra julgar o Fernandinho Beira Mar, ele seria absolvido, idolatrado e recebido com uma polpuda indenização. O quê que essa comissão da verdade vai fazer? Eles têm tanto medo da verdade que bota sete deles.

j) Considero que posso: Ah eu posso muita coisa. Só não pode nada quem não se expõe, não vai a luta, a força de vontade vale pra todo mundo. Meu pai era dentista prático, já foi preso uma vez por exercício ilegal da profissão, natural, sem problema nenhum. Na cadeia o delegado até (...), ficou preocupado, porque uma vez ele foi surpreendido na sela arrancando o dente de outro preso e o delegado falou: “mais Gerardo cê ta preso por causa disso”, mas ele falou: ”esse desgraçado não deixa eu dormir a noite fica urrando com dor de dente, você quer que eu faça o quê delegado”?

r) Secretamente eu: Secretamente eu não faço nada, quem quiser grampear meu telefone fica a vontade. Eu não tenho essas preocupações. Gosto de brincar, falar demais. Tudo que eu faço secretamente é em casa com a minha esposa, entre quatro paredes e não se discute esse assunto, o resto aí ta livre.

h) Esforço-me diariamente: Ah! Eu trabalho aqui, faço minha parte. Sou presente, procuro dar o melhor de mim, ouço, tenho humildade pra ouvir todo mundo, ouvir os mais velhos e fecho questão nos pontos de vista que eu tenho razão. O meu (...) eu não negocio, nunca negocie, eu to no (...), nunca negocie meu (...) nessa casa. E o (...) que é isso. Veja bem, a Dilma tão preocupada com corrupção, brincadeira né! Quando ela era Ministra, sargilhentona sabia de tudo no (...), herdou um montão de corruptos, só caiu porque a imprensa denunciou e ela é a responsável pelo combate a no nosso país. O PAC ta aí de corrupção até o talo e ela recebeu o carinho agora da I. C., é lógico que ela recebeu a I.C. quer um mercado comum entre nós dois aqui, vai elogiar a Dilma, assim como o Barac Obama estudou em Havard e falou que o Obama é o cara. Oh Obama, pô Obama, pega mal!

Nas frases apresentaram a sua honestidade, luta, a disposição em se expor, a definição como oposição e não a corrupção. Aparece um indicador de que não incomoda a questão de se expor, associa isso a poder tudo. Diz: “Só não pode nada quem não se expõe, não vai à luta”. Considera-se uma pessoa honesta, que suas melhores atitudes está associada à espontaneidade, a verdade, ao mesmo tempo em que desqualifica o outro alegando não ter esses essas qualidades que considera as melhores. Nessas frases representa um indicador de preocupação com a sua pessoa como profissional, a visão que deve passar. Sua relação com a posição em que trabalha pode

também ser um elemento de sentido subjetivo por sua luta em com qualquer meio que beneficie o homossexual, expressa claramente nas suas falas.

O complemento de frases de modo algum incomodou o participante que ancora seus valores numa visão da sociedade dominante como sociedade normal. A heteronormatividade está articulada à visão de que a sociedade existente é natural e normal, estática, sem referência história aos movimentos sociais de mudança das relações familiares e sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que as relações sociais e as visões subjetivas estão articuladas, como assinala Gonzalez-Rey (2005) e as relações de poder e violência (FALEIROS, 2007) estão articuladas a essas relações múltiplas e diversas.

O presente trabalho pode identificar e refletir sobre a percepção que o homofóbico tem de si mesmo e do outro de orientação sexual diferente e sobre a expressão da violência perpetrada por parte do mesmo contra homossexuais homens.

A metodologia de entrevista semiestruturada e de complemento de frases se mostrou adequada à expressão do participante. Por sua vez deve-se levar em conta que o setting da entrevista colocou o participante em seu lugar de fala, o gabinete de trabalho, o que propiciou condições de sua expressão.

O participante se dispôs a expressar seu passado e sua visão de mundo.

Essa visão de mundo está ancorada em uma sociedade com dominação masculina e da heteronormatividade. Esta dominação masculina é salientada por Bourdieu (1999) como algo ao mesmo tempo arbitrário e eternizado. A história pessoal está, portanto, articulada à história social. Por sua vez, a repressão e o autoritarismo na infância, na formação e na educação são internalizados de forma profunda e repercutem na vida adulta.

Na situação específica, o participante, tem suas posições homofóbicas propaladas publicamente, atraindo opinião pública favorável a elas. O participante se declara no campo da oposição ao governo e defende posições homofóbicas que são compartilhadas por ideologias religiosas.

Por sua vez, o depoimento traz referências a uma “complacência” com a relação homoafetiva, contanto que seja privada, escondida, não pública. Assim faz uma distinção entre a moral pública e a moral privada.

Finalmente é importante destacar que a sociedade brasileira hoje é tolerante a todas as expressões e divergências sobre a orientação sexual, inclusive à do participante, mas está se tornando mais intolerante à violência contra a diversidade sexual. Se a orientação sexual é tolerada, a violência contra homoafetivos não poderá sê-lo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.
- BORRILLO D. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra; 2001
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999
- CABRAL, A., NICK, E. **Dicionário técnico de psicologia**. 14. ed.. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- FALEIROS, Vicente de Paula. Violência contra a pessoa idosa ocorrência, vítimas e agressores. Brasília, Universa, 2007.
- FALEIROS, Vicente de Paula; BRITO, Denise Orbage de. Representações da violência intrafamiliar por idosas e idosos. **Ser Social**, Brasília, n. 21, mar. 2010. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/260>. Acesso em: 29 maio 2012.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo, Thomson Learnig, 2005.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo, Thomson Learnig, 2005.
- <http://www.r2cpres.com.br/v1/2010/11/22/a-intolerancia-e-os-crimes-contr-homossexuais/> Retirado em 13/10/20011
- JAQUES-JEUSS. **Violência e Assassinato de Homossexuais e Transgêneros no Distrito Federal e Entorno** – Jaques-Jeuss. - Brasília:Darte, 2003.72 p.
- JUNQUEIRA, R.D. **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira(Org.). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. UNESCO, 2009.p 458. (Coleção Educação para Todos, vol. 32).
- LIONÇO, TATIANA. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio** / Tânia Lionço; Debora Diniz (Org.).Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. 196 p.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 1997.
- ."Pedagogias da sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

MELLO, LUIZ. **Novas Famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo** / Luiz Mello. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.232 p. – (sexualidade, gênero e sociedade).

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção / Maurice Merleau-Ponty; (tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Tópicos)

MOTT, LUIZ. **Violação dos Direitos Humanos, e assassinatos de homossexuais no Brasil** – 1999. Salvador, Bahia, Brasil: Associação brasileira de gays, lésbicas e travestis: Editora Grupo Gay da Bahia, N: 40, março de 2000.118 p.

OLIVEIRA, K. D.O; RAMOS, M. E. C.; Transgeracionalidade percebida nos casos de maus-tratos. In: RIBEIRO, M. A., BAREICHA, C. I. **A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção** / Maria Aparecida Penso, Liana Fortunato Costa (Orgs.).São Paulo: Summus, 2008.p.100 - 122.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe mundial sobre a violência e a saúde** (Resumo). Washington, DC: OMS, 2002.

ANEXO A - ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perfil do participante:

Idade: _____

Escolaridade: _____

Religião: _____

Renda: _____

Família: _____

1. Fale sobre o homossexual e a homossexualidade;
2. Como considera as relações entre homens e homem mulher;
3. Como trata alguém da família que fez a opção homossexual;
4. Como age em relação ao homossexual;
5. Fale dos motivos de agressão aos homossexuais;

ANEXO B - COMPLETAMENTO DE FRASES

- a) Quando era criança:
- b) Na escola:
- c) Meu pai:
- d) Minha mãe:
- e) Meus amigos:
- f) Estou melhor quando:
- g) Meu maior problema:
- h) Esforço-me diariamente:
- i) Creio que minhas melhores atitudes são:
- j) Considero que posso:
- k) Meu maior desejo:
- l) Custa-me muito:
- m) Tentarei conseguir:
- n) Sempre quis:
- o) Muitas vezes reflito sobre:
- p) Com frequência sinto:
- q) Sofro:
- r) Secretamente eu:
- s) O passado:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa: **A percepção da diversidade sexual e da perpetração de violência contra homossexuais por parte de pessoas com homofobia**, ou seja, como você age em relação ao homossexual, e o que pensa sobre os tipos de violência e preconceitos cometidos por homofóbicos contra os homossexuais, realizada por Gabriela Borja Cunha sob a orientação do Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros, do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília. Esta pesquisa tem o caráter sigiloso, em que será preservada a identidade do colaborador e das falas e transcrições caso seja gravada. Sua participação não é obrigatória, e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento até a data prevista para a publicação do mesmo, sem necessidade de justificar os motivos. Ressalta-se que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação para os colaboradores. Contudo, caso você tenha algum gasto financeiro decorrente de sua participação na pesquisa, basta você declarar o valor e nós faremos o ressarcimento. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e e-mail da pesquisadora, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

Desde já agradecemos pela disponibilidade e participação no referido trabalho.

Eu, _____ RG _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, e fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o projeto de pesquisa citado nesse termo. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Pesquisadora: Gabriela Borja Cunha

E-mail: gabrielaborjapsicologa@gmail.com / Telefone: 8416-1004

Brasília, ___ de _____ de 2011

Nome: _____
 RG: _____ Data de nascimento: ___/___/_____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ CEP: _____ Tel: _____

 Assinatura do(a) declarante

Declaração do pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências da Resolução CNS 189/96 e as acima firmadas, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido da declarante qualificada para a realização desta pesquisa.

Prof^o. Dr. Vicente de Paula Faleiros
Assinatura do pesquisador responsável